

VINÍCIUS FERREIRA

**ACERTO
DE
CONTAS**



Rio de Janeiro, 2023

*A violência é tão fascinante
E nossas vidas são tão normais*

(Marcelo Bonfá/ Dado Villa-Lobos/
Renato Russo – “Baader Meinhof Blues”)

*Já se começa a esquecer, bom é que se
esqueça, porque estas histórias são apenas
um ornamento rebarbativamente cumulativo
e fictício da carnificina quotidiana.*

(Herberto Helder – Textos publicados na
revista *Telhados de Vidro*)

Para Denise, sempre.

AMOSTRA

SUMÁRIO

AMOSTRA



| | |
|-------------------------------------|----|
| O MINEIRO | 11 |
| O INFERNO | 19 |
| ACERTO DE CONTAS | 27 |
| DEZENA | 37 |
| A PONTA SOLTA | 47 |
| A HISTÓRIA DA ESPINGARDA | 57 |
| A VIAGEM | 69 |
| CAPITÃO PRETO | 85 |

AMOSTRA

O MINHEIRO



Todo ermo de terra chamávamos de cafundó. Esconderijo de alma torta, dizia nosso vizinho, o velho Tomé. Só não garantia o raciocínio. Duvidava se o silêncio embrutece ou apazigua. Para uns, purgatório do passado. Tem aqueles, pausava a mastigação do fumo, nos quais o ermo entranha. Fica então o sujeito árido de não prestar para cria. Vista Alegre não é lugar para família, arrematava com uma golada no conhaque.

O Tomé cismava com uns ensinamentos. Rodeava os meninos em volta dele e, numa cera preguiçosa de depois do almoço, desatava seus achados. Foi ele quem me contou a comprida história do Mineiro.



Não era gente aquilo, começava. Primeiro, falando bem alto. Depois, reduzia o volume e a marcha. Ficava cioso de reconstruir a mixórdia, alinhavando os fios dos pensamentos. Unia e aproximava, deixava a comparação ao natural, sem pressa de vir colar coisa n'outra. Só não perdia o rumo. Queria atinar os efeitos dos cafundós, desvendar se o peão já nasce ou se faz na lida. Encasquetava de perguntar a si mesmo, enquanto nós, quietinhos, emprestavamos a ele toda nossa admiração.

O Mineiro funcionava como os pilares de um alicerce. As paredes todas que o Tomé construía partiam daquela história dele. A cumeeira assentada nos esteios. A vida feita de minúcias. E a elas o Tomé dedicava o zelo de pai protetor. Mesmo com a respiração resfolegando, nada escapava das suas pausas.

No entanto, se fôssemos reproduzir as histórias que o Tomé contava, seria preciso cortar mais da metade. Ficava melhor o enxuto. Mas a coisa em si, essa perdia a graça. Melhor sempre era ouvi-lo, quando se espichava de comprido ao pé da figueira e desabava de lembrar as coisas dos cafundós de Vista Alegre.

O Mineiro, ele falava, topara com o diabo antes da hora. Não durara o tanto merecido da sua ruindade. O Tomé não perdoava. Porque aqui se deve pagar o que só aqui se pode fazer. Para compensar seu mal de todo, carecia de levar umas três existências alongadas.



A fim de não tomar muito tempo, dou uma mostra breve, de passagem pelo dito cujo, o Mineiro, ou melhor, Dinaste. Um nome assim, no registro, fez da família inimiga do escrivão. O homem não aceitava botar a descompostura no papel. Mandaram chamar o titular, as moças do cartório, um juiz de paz, e ficou assim mesmo, Dinaste de Góis Aparecido. Até que, em idade de serviço militar, foi para São Paulo. Voltou Mineiro.

Vista Alegre não é lugar para sujeito de conversa solta. Ensimismado e sólido, soubemos dos tempos paulistas do Mineiro pela boca de Tomé, dando horrorizadas notícias do soldado e do polícia que ele fora por lá. O arrazoado entre uma praça e outra, contendo as miudezas todas enfileiradas. Nós ouviamos aquilo tudo sem entender direito como os tempos autorizavam as barbaridades que o Mineiro levava adiante.

Foi só o homem botar um revólver na cintura para virar o cão. O Tomé falava que um cabo deu um empuxo, ajudou o Mineiro, ensinando a extrair, a fazer contar tudo que tinham na cabeça uns meninos de apartamento. Eram fracos, o homem avisava ao Mineiro. Era só apertar o órgão de acordo. E ele, criado em cafundós, foi assimilando o jeito do outro. Passou a andar, a falar e agir como mandava o cabo. E para a ação nem foi a custo. A pancada não entrou de estranha. Sabia como pegar de jeito um baço, um fígado, um pau de nariz. O sangue nas camisas limpas escorrendo

das barbas ralas. Os roliços emadeirados dando sessões doídas nas solas de pés delicados. De ponta cabeça, o sangue correndo ao contrário, mesmo os sujeitos mais duros miavam, tal fossem gatas no cio. E imploravam à morte para libertá-los das mãos do Mineiro.

Mas o Tomé queria saber era se o homem já devia ser talhado em pedra. No que prestava para apreciar, era ruindade em cima de ruindade. Quando soldado, o Mineiro aplicava chave em pescoço e imobilizava, feria com bala de borracha e cassetete, dispersava com escudo e bota pesada. Como polícia, a pancada corria à moda velha. Depois, protegido por um delegado, aprendeu a pôr um monte de ferro fincado debaixo de unha encravada, a dar choque na cabeça e telefone no ouvido, a afogar em barrica de água, a enfiar cacetete, a bater com toalha molhada. Mandavam, e ele executava, com gosto. Quando ninguém mais, por pretexto de horror, aceitava avançar na ruindade, ele dizia: “Deixa com o Mineiro”. E o cabra que estivesse na mão cantava sonoro, sangrando à palidez absoluta. “Deixa para o Mineiro”, e era só cicatriz. “Deixa o Mineiro”, e era certeza. Quem tinha o que cantar, cantava. Se não tivesse, buscasse. Parece que tomou gosto por aquilo, e o gosto fez costume nele, dizia o Tomé. Apreciou a tal ponto de não voltar mais para a distância segura, dessa que deixa dormir à noite o sono solto. Vendeu a alma. Aquela, que todo mundo deve ter, mesmo ele, guardada em lugar difícil.





As valas começaram a receber somente uns farrapos inúteis. As famílias, uns bagaços impres-táveis. O Mineiro debulhava gente e moía. Autori-zavam, sem garantia de assinatura, e ele acionava, julgava, condenava e executava, desprezando re-missão de pecado.

Mas, o Tomé falava, mesmo o sol e a lua têm sua hora de escurecer, de deixar passar as nuvens. E aqueles tempos de São Paulo cessaram. As fardas recolhidas. Não podendo fincar raiz em terreno de concreto, o Mineiro voltou para os cafundós de Vista Alegre. Ajeitou longe da vista umas terras a meia, pôs arames em volta, pendurou o revólver e passou a assinar de novo o antigo Dinaste.

O Tomé também dizia que a memória é traiço-eira. Fica ali rodeando, se fazendo de morta. Uma hora, quando as defesas tiram cochilo, sem mais nem menos, ela vem roer a ponta da corda. Que a gente tem um cadafalso por debaixo dos pés é um fato. Um fato, o Tomé insistia.

Esquecido do mundo, de São Paulo, do passa-do, das fardas e dos cassetetes enfiados, das man-gueiras que despejavam água nos intestinos, nos rins inchados de pancadas, o Dinaste bebia cerve-ja num balcão. O Tomé não sabia dizer se era um, dois ou mais. Alguém chamou. Ele próprio nem se lembrava. E achou mesmo que ninguém recordava o sujeito ruim:

— Mineiro!

Ouviu o passado e se virou, voltando para ele.

Seis tiros. Nenhum não acertou o Mineiro, o
Tomé falou.

AMOSTRA


VINÍCIUS FERREIRA



17

AMOSTRA

O INFERNO



No rádio do *Café Mulambo*, entre chiados de ondas AM, uma voz suplicante anunciou o ângelus. Adilson pagou a conta, fez o sinal da cruz e desceu pela Rua do Comércio.

As luzes começavam a se acender sobre as calçadas. Como enxames, as folhas de aço espantavam os últimos clientes. Duas moças arranjavam uma vitrine. Um homem acinzentado, empunhando o cassetete, assoviava a ronda noturna. Por baixo da camisa, Adilson ajeitou o revólver.

Tapetes de folhas cobriam os bueiros. Nuvens de fuligem escapavam poeirentas. A massa fustigava paredes e telhados, que devolviam para a